

9. Disposições sobre os incensórios (Nm 17,1-5)

9.1. Organização do texto

A mudança de gênero literário em relação à unidade anterior com as prescrições sobre os incensórios⁷³⁵ e a volta de YHWH falando novamente a Moisés caracterizam nova unidade. Na organização do conteúdo dessa unidade, temos uma introdução do discurso de YHWH a Moisés (17,1), seguida da fala de YHWH a Moisés, comunicando os ordenamentos que Eleazar deve realizar em relação aos incensórios (17,2-3). O conteúdo da ordem de YHWH trata da utilização dos incensórios que os revoltosos aproximaram diante de YHWH (16,35) a serem utilizados como revestimento do altar. Eles serão “um sinal” para os filhos de Israel (17, 3e). O texto prossegue com a narração de que a ordem de YHWH foi realizada por Eleazar (17,4). O conteúdo da unidade trata da orientação de YHWH a ser transmitida a Eleazar, por meio de Moisés. O personagem Eleazar e sua ação dão forma ao texto, pois ele é mencionado na ordem de YHWH a Moisés no v. 2a: “dize a Eleazar” e na execução da ordem no v. 4a: “E tomou Eleazar”. A unidade fecha com a intrusão do narrador que insiste no objetivo dos incensórios como revestimento do altar e memorial diante de YHWH: “Serão um memorial para os filhos de Israel a fim de que não se aproxime nenhum estranho que não seja ele da semente de Aarão, para queimar incenso diante de YHWH” (17,5a-d). O limite do texto é bem explícito na frase final, com a forma de uma advertência conclusiva mais forte: “Não aconteça como Coré, e como a sua congregação, conforme YHWH falara a ele por mão de Moisés” (17, 5e-f).

⁷³⁵ Cf. GARCIA LOPES, F. Narración y ley en los escritos sacerdotales, p. 275. O autor classifica Nm 17,1-5 mais precisamente como um texto misto de narração seguida de prescrições.

9.2. Função literária de Nm 17,1-5

Os autores em geral vêem Nm 17,1-5 como um prolongamento natural da história de Coré em 16,1-35⁷³⁶. Porém, o texto não é apenas um prolongamento do desfecho da revolta de Coré, Datã e Abiram, pois contém elementos que projetam o leitor para a história seguinte a procurar afirmativamente quem é aquele que pode oferecer o incenso e se aproximar do altar. Isso aparece na explicação do narrador, do objetivo da forragem do altar “a fim de que não se aproxime nenhum estranho que não seja ele da semente de Aarão, para queimar incenso diante de YHWH” (v.5b-d). A conclusão do narrador introduz uma curiosidade: quem será aquele que pode aproximar-se para oferecer o incenso. Por isso essa unidade, projeta o leitor para a história seguinte. Com efeito, o esclarecimento sobre o eleito vai aparecer em Nm 17,6-15 que mostra Aarão fazendo o rito da expiação para fazer cessar a praga, e em Nm 17,16-28 que confirma Aarão como o eleito, o único que é colocado na tenda do testemunho a serviço do santuário. Por este motivo é que Nm 17,1-5 serve como transição para a cena seguinte e não deve ser considerado um estorvo que atrapalha o desenvolvimento e a unidade do enredo⁷³⁷.

⁷³⁶ Cf. COATS, W. G. *Rebellion in the Wilderness*, p. 161; LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 417.

⁷³⁷ H. SEEBASS (cf. *Numeri 10,1-22,1*, p.174), citando J. GUNNEWEG (*Leviten und Priester*, p. 182), considera que na versão final de Nm 16-17, o texto de Nm 17,1-5 provoca uma interrupção, atrapalhando o fluxo do enredo. Nossa análise é mais positiva mostrando que essa unidade, embora possa ser tomada de forma independente, serve de transição entre Nm 16,1-35 e 17,6-15. Nesse aspecto do texto, a Vulgata difere da seqüência do texto hebraico, pois toma Nm 17,1-15 como continuação de Nm 16,35. Assim, a história da revolta de Coré, Datã e Abiram é formada por Nm 16,1-50, enquanto Nm 17,1-13 relata o episódio da vara florida de Aarão.

9.3. Elementos estilísticos e narrativos

9.3.1. A fórmula de mediação

YHWH volta a dirigir a palavra a Moisés. O cenário desta nova fala de YHWH é a entrada da tenda do encontro (cf.16,18-19.35), agora local dos escombros da queima dos duzentos e cinquenta que aí ofereceram incenso.

Como o juízo de YHWH consumiu esse grupo (16,35a), conforme ele próprio revelou a Moisés na entrada da tenda do encontro (16,21), é natural que Moisés continue como mediador, e YHWH tenha se tornado o protagonista principal do confronto com os revoltosos⁷³⁸. Nm 17,1-5 revela então a continuidade do enredo, com a atuação de YHWH (Ele domina o desfecho do enredo desde a revelação da glória em 16,19b) e a mediação de Moisés que deve transmitir a revelação, desta vez a Eleazar substituto de Aarão. Moisés é o intermediário mais credenciado entre YHWH e a congregação (cf. Nm 16,23-24). A forma narrativa de mediação *וַיֹּאמֶר יְהוָה* (“falou YHWH”) é freqüente no Pentateuco, sempre introduzindo os discursos diretos. Quando o texto utiliza *וַיֹּאמֶר*, de preferência é referido a YHWH ou Elohim que falou a Moisés e/ou a Aarão⁷³⁹. Apenas uma vez os destinatários da fala de Deus são Moisés e Eleazar: “Disse YHWH a Moisés e Eleazar, filho de Aarão, o sacerdote” (Nm 26,1). Em Nm 17,1-2, Moisés é intermediário entre YHWH e Eleazar. Moisés recebe ordens de YHWH para transmitir os ordenamentos sobre o fogo e os incensórios: “dize a Eleazar” (v. 2a). Eleazar, filho de Aarão, é o destinatário das ordens de YHWH. A forma da revelação da ordem divina a Eleazar deve acontecer por meio de Moisés. O fim da unidade reforça a mediação de Moisés. Os fatos ocorridos a Coré realizaram-se conforme YHWH falara pela mão de Moisés (cf. Nm 17,5). Com a expressão “pela mão de”, o autor ressalta que Deus falara não só por meio

⁷³⁸ Lembramos que, no decorrer do conflito, Coré foi o antagonista principal de Moisés e Aarão e o organizador da revolta. A partir da revelação do julgamento na entrada da tenda do encontro (16,19.21), ficou claro tratar-se de um conflito contra Deus. Com razão, Moisés podia afirmar os fatos (o castigo) prestes a acontecer e que não provinham do seu coração (Nm 16,28).

⁷³⁹ Das 118 vezes que aparece “falou YHWH/Elohim” nos livros de Ex. Lv e Nm, em 98 vezes, os destinatários da fala de Deus são Moisés e /ou Aarão. Em Nm 26,1, YHWH falou a Moisés e Eleazar (Servi-me do relatório de I. PERONDI (cf. *Nm 6,22-27 Il Signore Benedice il Popolo*, p. 41).

da palavra, mas também da ação de Moisés (cf. Nm 15,23; 27,23; 33,1), confirmado como mediador e guia do povo (cf. Nm 16,28-30).

Não é explícito que Moisés imediatamente cumpriu a ordem de YHWH de dizer a Eleazar, ou que Eleazar tivesse ouvido as ordens de YHWH. O tempo da narração é mais acelerado, pois o narrador omite a fala direta de Moisés à Eleazar, preferindo referir o conteúdo da ordem através do discurso divino, o que destaca YHWH como o protagonista principal ao redor do qual vai se desenvolver a narração nas unidades seguintes. Por enquanto, nesse momento o narrador quer concluir o relato da revolta de Coré, Datã e Abiram, dando uma interpretação ao fato para que se torne um memorial para os filhos de Israel.

Em 17,4a, passa-se a narrar a execução das ordens divinas, por intermédio de Eleazar, qualificado como filho de Aarão e sacerdote. O verbo no imperfeito invertido indica uma ação de Eleazar. A ação realizada vem da Palavra de YHWH que ordenou. Com isso, o autor quer realçar o valor da ação como ordenação divina. Quem fala é YHWH, o intermediário é Moisés, o executor é Eleazar, filho de Aarão. Essa palavra de YHWH a Moisés forma a moldura da unidade. No início, “YHWH falou a Moisés” (17,1a) e, no final, aparece também a referência à palavra de YHWH a Moisés: “Conforme YHWH falara a ele pela mão de Moisés”(17, 5).

9.3.2. Ordem e execução⁷⁴⁰

A ordem vem de Deus (“falou YHWH”), passa pela mediação de Moisés (“falou a Moisés”) que deve transmitir a Eleazar (“Dize a Eleazar”) (17, 1.2a). A primeira ordem com relação aos incensórios (17, 2b) inicia com o verbo na forma volitiva, um jussivo na terceira pessoa masculino singular יִרֶם (“que retire”). Na seqüência, temos uma segunda ordem coordenada com a primeira que, porém, inicia com o objeto וְאֵת־הָאֵשׁ (“e o fogo”) seguido do verbo no modo imperativo: הִרְחֵף (“espalha”)⁷⁴¹. A construção destaca a ordem referente aos incensórios. Sua execução encontra-se no relato em 17,4a. que também inicia-se com verbo: “e

⁷⁴⁰ O esquema ordem-execução, típico da tradição sacerdotal, é freqüente em nosso texto (cf. 16,6-7 e 16,18; 16,26 e 16,27; 17,2 e 17,4).

⁷⁴¹ Traduzimos considerando como a forma do imperfeito na terceira pessoa do singular (jussivo).

tomou Eleazar, o sacerdote, os incensórios”. A realização da ordem (v. 4) destaca que o essencial foi feito, ao especificar os incensórios como aqueles que “aproximaram os que foram queimados” (v. 4b), e o destino deles como “um revestimento para o altar”(v. 4c).

9.3.3. Crescimento literário em torno de palavras-chave

Entre a ordem (17, 2b-3b) e execução (17, 4), encontramos repetições de palavras-chave, porém esse vocabulário recorre de forma criativa. O autor acrescenta elementos novos que revelam um crescimento no texto, centrado em algumas palavras-chave, que conferem peso às ordenações referentes aos incensórios.

a) Eleazar: Em 17,2a, Eleazar é filho de Aarão, o sacerdote. Mas em 17,4a, é dito que o próprio Eleazar é também sacerdote. Temos aí uma aposição explicativa em que o segundo nome é mais determinado que o primeiro⁷⁴². Por ser sacerdote, Eleazar tem o privilégio de aproximar-se do altar e dos incensórios sagrados. Ele é quem realiza a ação, pois “tomou os incensórios de bronze” (v. 4a). Porém a ação de forrar o altar é feita com o auxílio de um grupo: “e eles os laminaram”⁷⁴³. Temos aqui um crescimento quantitativo, também observado na realização da missão de Moisés ao ordenar à congregação separar-se dos revoltosos. Moisés vai seguido depois dos anciãos de Israel (16,25). O grupo de Moisés vai se revelando numeroso: Moisés, Aarão, os anciãos e, indiretamente, Eleazar com seus auxiliares para o trabalho de forrar o altar de bronze.

b) Sinal e Memorial: Outra aposição explicativa encontra-se na fala do narrador em 17,5a: “memorial para os filhos de Israel”, colocada como continuação natural de 17, 4c “e os laminaram um revestimento para o altar”. A explicação acentua o motivo do revestimento do altar. Ênfase mais clara pode-se

⁷⁴² Cf. JOÜON, P. *Grammaire de L' Hébreu Biblique*, p. 398, n. 131k, nota 1.

⁷⁴³ A não ser que o verbo **לָמְדוּ** com o sufixo pronominal (“os laminaram”) seja interpretado como uma circunlocução para a voz passiva (cf. GESENIUS, W; KAUTZSCH, A. *Hebrew Grammar*. p. 459-460, n. 144 b, c, f). Nesse caso, o verbo laminar pode ser expresso na voz passiva: “foram laminados” (cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 321).

observar no paralelismo dessa narração da forragem do altar e seu objetivo (17, 4-5) com a ordem indireta de YHWH de forrar o altar (17,3). De fato, a ordem “farão com eles lâminas de chapas, um revestimento para o altar” (17, 3b), dá o motivo da afirmação final do discurso: “serão um sinal para os filhos de Israel” (17, 3e).

c) O revestimento do altar: Os termos mais freqüentes como incensórios, lâminas de chapas, revestimento para o altar, em 17,3, recorrem em 17,4 com variações. No v. 4a, é acrescentado que os incensórios são de bronze. Em lugar de lâminas no estado construído como no v. 3b (“lâminas de chapas”), no v. 4c, aparece o verbo laminar com sufixo pronominal de terceira masculino plural וַיִּרְקְעוּם (“e os laminaram”) seguido de צָפוּי לְמִזְבֵּחַ (“revestimento para o altar”), mencionado pela segunda vez. Note-se a variação do vocabulário צָפוּי (“revestimento”) no v. 4e que é sinônimo de פָּחִים (“chapas”) no v. 3b. Com isso, o interesse do autor é destacar a cobertura do altar. O termo “altar” é determinado, nas duas ocorrências, com a preposição e o artigo לְמִזְבֵּחַ (“para o altar”). Não se trata de um altar qualquer. De cima do altar, Aarão tomará o fogo para fazer o rito da expiação (17,11). Essa repetição de termos-chave do culto contribui para descrever o culto centrado num único altar (lugar de culto), com um sacerdócio exclusivo, como único meio de proteger a congregação e dar-lhe identidade após sua dispersão (16,34).

d) Os incensórios: É dada ênfase na procedência dos incensórios sendo três vezes mencionados em relação ao fogo procedente de YHWH que queimou os duzentos e cinquenta líderes (Nm 16,35): “os incensórios de entre o incêndio” (17,2b), “incensórios destes pecadores em troca de suas vidas” (17, 3a)⁷⁴⁴, e “incensórios que aproximaram os que foram queimados”(17, 4b). Também esses detalhes revelam que Nm 17,1-5 é bem construído como unidade conclusiva da revolta de Coré, Datã e Abiram (16,1-35). Observemos também, no v. 3a, que a partícula אֵל introduz o nome incensório como objeto direto aí colocado em “casus pendens”⁷⁴⁵. Sua função também é especificar quais os incensórios que se

⁷⁴⁴ A referência ao incêndio nesse caso é implícita.

⁷⁴⁵ Cf. JOÜON, P. *Grammaire de L' Hébreu Biblique*. n. 156, p. 477-478; ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 121, nota 3.

tornaram santos: são “os incensórios desses pecadores em troca de suas vidas”. A mesma partícula de objeto direto recorre em 17,3b, e com sufixo pronominal de terceira masculino plural referindo-se aos incensórios אֲתָם (“com eles”). Essa repetição com o sufixo pronominal destaca ainda mais os incensórios dos que foram queimados: “farão com eles lâminas de chapas, um revestimento para o altar” (17, 3b)⁷⁴⁶. Parece clara a intenção do autor que o castigo daqueles que ofereceram o incenso não se apague da memória popular.

9.3.4. Frases finais negativas

O objetivo do relato do revestimento do altar com os incensórios é bem destacado. O autor, em 17, 3e, relata que “serão um sinal para os filhos de Israel”. Em 17,5a, com uma aposição, é explicado aos leitores que esse sinal será também “um memorial para os filhos de Israel”. Com isso, o altar chapeado de bronze ganha significado para a congregação. As frases finais mostram o objetivo deste sinal ou memorial, expresso com frases negativas: “A fim de que não se aproxime nenhum estranho que não seja ele da semente de Aarão” (17,5b-c). Esse período longo construído com frases finais inicia com לְמַעַן אֲשֶׁר (“a fim de que”) que introduz uma frase final forte. A finalidade é expressa depois com três negações: “A fim de que”, “não se aproxime”, “nenhum estranho”, “que não seja ele da semente de Aarão”. O objeto da negação forte é expresso em 17,5d: “para queimar incenso diante de YHWH”. A última frase também expressa finalidade de forma negativa: “e não será como Coré e como sua congregação” (17, 5e)⁷⁴⁷. O destaque está nas frases finais negativas com a negação לֹא. Essa insistência na negação prepara o leitor para a afirmação daquele conhecido, eleito e autorizado a aproximar-se para queimar incenso: Aarão (17,11-12)⁷⁴⁸. Assim como o autor insistiu em afirmar a procedência dos incensórios a ser destinados para a cobertura

⁷⁴⁶ Com isso, entende-se que o altar também era feito de bronze. Incensórios e altar feitos do mesmo material também estão relacionados com o sacerdócio. É Eleazar, filho de Aarão, o sacerdote, quem recebe ordem de tocar nos incensórios para forrar o altar.

⁷⁴⁷ O tom fortemente proibitivo do objetivo dos incensórios como revestimento do altar visa a fazer cessar qualquer tentativa de algum estranho em querer usurpar o direito exclusivo do grupo sacerdotal de aproximar-se do altar (cf. 16,10). Inclui-se também a proibição de qualquer tentativa de revolta contra a ordem estabelecida, que era de direito divino (cf. 16,28-30).

⁷⁴⁸ Fenômeno semelhante encontramos no discurso de Moisés em Nm 16,28-30.

do altar, destacou aqui também a negação de um estranho (“nenhum”, v. 5b) de aproximar-se para o oferecimento do incenso. A ênfase é destacada com o pronome אֵלָּו (“ele”) em 17, 5c: “que não seja ele da semente de Aarão”. Aqui a indeterminação do estranho no v. 5b (“um homem estranho”)⁷⁴⁹ dá lugar à determinação com o pronome “ele” em v. 5c. Com isso, é negado a pessoas determinadas (todos aqueles não pertencentes à semente de Aarão) o direito de queimar incenso diante de YHWH. A construção do texto com frases negativas na forma de proibições terá uma forma positiva na unidade seguinte⁷⁵⁰. Aí o leitor chegará ao conhecimento de que Aarão recebe ordens de oferecer incenso. Somente o rito da queima do incenso realizada por ele irá expiar os pecados do povo e fazer cessar a praga (cf. Nm 17,13-14).

9.4. Interpretação

9.4.1. A ordem dada a Eleazar (v. 1-2)

A ordem vem de YHWH por meio de Moisés a Eleazar. Esta mediação de Moisés é confirmada com mais força em 17,5f com a expressão “por mão dele”. A expressão inclui as ações de Deus por intermédio de Moisés, as quais confirmam sua autoridade. YHWH revelou-se a Moisés na tenda do encontro, para comunicar-se ao povo. O destinatário da Palavra de YHWH confiada a Moisés é agora Eleazar, sacerdote e um dos filhos de Aarão (cf. Ex 6,25; 28,1; Nm 3,2). Após a morte de Aarão, Eleazar assumirá plenamente o sacerdócio em seu lugar (cf. Nm 20,26; 26,1-2; 27,19-23; Dt 10,6).

Em 17,2a-b, Eleazar, e não Aarão, é escolhido para recolher os incensórios e espalhar o fogo além. Trata-se de uma atividade secundária de Eleazar⁷⁵¹. Um

⁷⁴⁹ Na tradução, utilizamos a forma negativa “nenhum”.

⁷⁵⁰ Esses detalhes de estilo revelam uma ligação mais consistente de Nm 17,1-5 com a unidade seguinte. Os autores antigos em geral H. Holzinger; B. Baentsch; W. Rudolph; e B. G. Gray se preocupam com a tradição que deu origem a Nm 17,1-5, sem comentar a ligação da unidade com o enredo de Nm 16–17 (cf. BUDD, P. J. *Numbers*, p. 194).

⁷⁵¹ A atividade principal do sacerdote, que é o rito da expiação sobre o povo, podia ser realizada somente por Aarão.

motivo desta escolha é a proveniência do fogo no oferecimento do incenso feito pelos duzentos e cinqüenta líderes que era irregular para o sacrifício.

Era um fogo não proveniente do altar e, assim, não apropriado para o sacerdote que utilizava o incenso somente com fogo do altar sagrado (Nm 17,11; cf. Lv 10,11)⁷⁵².

Outro motivo da escolha de Eleazar é o fato que Aarão, enquanto sacerdote supremo (Ex 28,1-3), tinha a obrigação de evitar de forma mais escrupulosa que os outros sacerdotes de ter contato com objetos associados com pessoas mortas (cf. Lv 21,10-15. 22,1-4; Nm 12,10-16) e assim não contraíssem impureza⁷⁵³. Em Nm 16,35, os incensórios queimados tornaram-se impuros especialmente pelo contato com os restos mortais dos revoltosos, o que impedia o sacerdote Aarão de tocar nesses incensórios. Por razões semelhantes, mais adiante, Eleazar será encarregado de realizar o rito da vaca vermelha e sua imolação (cf. Nm 19,2-3). Era ele o encarregado geral de toda a habitação e de tudo o que nela se encontra (Nm 4,16)⁷⁵⁴. Aarão, como sumo sacerdote, era muito santo para ter qualquer contato, mesmo indireto com um morto, fosse cadáver de animal ou corpo de pessoa (cf. Lv 21,10).

Esse argumento pode ser contestado, sendo que, em Nm 17,13, é relatado que Aarão estava entre os mortos e entre os vivos. Diante dessa dificuldade, mais que a preocupação de não contrair impureza ritual do contato com os restos mortais dos rebeldes, a proibição de tocar nos mortos está ligada à natureza impura dos atos dos revoltosos. Essa impureza procedente de ações malvadas e voluntárias (cf. Nm 16,26.30) é mais perigosa⁷⁵⁵.

⁷⁵² Cf. MILGROM, J. *Numbers Bemidbar*, p. 139; HEGER, P. *The Development of Incense Cult in Israel*, p. 48. Segundo Heger, o que desencadeou a ira divina sobre os duzentos e cinqüenta que ofereceram incenso (v. 35), não foi o fato de ser um fogo irregular, mas o fato de eles não estarem devidamente autorizados para oferecer o incenso.

⁷⁵³ Cf. GRAY, B. G. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 208-209; SAKENFELD, K. D. *Journeying with God*, p. 102. Na verdade, quem tocasse nos restos dos incensórios poderia contrair dupla impureza: a) tocando os incensórios, contaminavam-se com a santidade de Deus, porque os incensórios foram aproximados diante de YHWH e tocados pela chama divina; b) tocando os restos mortais dos revoltosos, contraía impureza porque não se podia tocar em defuntos ou nos seus restos mortais.

⁷⁵⁴ Cf. LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 417.

⁷⁵⁵ Há pecados deliberados que ofendem com mais gravidade até mesmo a parte mais interna do santuário (cf. MILGROM, J. *Numbers Bemidbar*, p. 445-448). O pecado dos duzentos e cinqüenta líderes seguidores de Coré pode ser incluído nesta categoria porque ousaram oferecer o incenso, tarefa exclusiva do grupo da descendência de Aarão.

Os líderes não podem deixar-se influenciar com as ações dos revoltosos que estão desarticulados com a ordem estabelecida por Deus⁷⁵⁶. Isso pode, a qualquer momento, desencadear a ira divina (Nm 16,21;17,10). Por ordem de YHWH, devem manter-se separados do meio dos revoltosos (cf. Nm 16,21-22).

A ordem a Eleazar é retirar os incensórios do meio do incêndio e espalhar o fogo além. Os incensórios devem ser retirados de entre o incêndio, porque se tornaram santos no contato com o fogo divino que saiu de junto de YHWH (cf. 16, 35a). אֵשׁ הָאֵשׁ (“o fogo”) designa as brasas ainda acessas da מִזְבֵּחַ (“fogueira”)⁷⁵⁷, que consumiu os duzentos e cinquenta líderes (16, 35). A forma volitiva dos verbos traduzidos no presente do subjuntivo (“que retire os incensórios de” e “espalhe o fogo além”), expressa a necessidade de fazer essa separação. Os incensórios tornaram-se santos e por isso não podem ser usados para outras finalidades a não ser para o culto sagrado. Igualmente o resto do fogo⁷⁵⁸ (17, 3), por causa do contato com o fogo divino, deve ser espalhado longe, assim que ninguém o utilize para outras finalidades. O santo é entendido como “consagrado”, “colocado à parte”, em oposição às coisas profanas. Sagrado e profano são “intocáveis”. O que eles atingem torna-se também “intocável”. Não podem coexistir entre si⁷⁵⁹. Por isso aparecem as leis de purificação ou

⁷⁵⁶ Cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 324. Nesse sentido, o impuro é aquele que está desarticulado com o sistema religioso estabelecido por Deus. No livro do Levítico e Números, o sistema de contaminação ou impureza separa os sacerdotes dos leigos quanto aos direitos de acesso à habitação (cf. DOUGLAS, M. *Nel Deserto*, p. 208). Da mesma forma como o Monte Sinai foi cercado, e qualquer pessoa que ultrapassasse os limites seria apedrejada ou flechada (Ex 19,12-13), assim a Habitação precisava ser separada das tribos que acampavam ao seu redor, por um cordão de isolamento formado de levitas. Esses podiam executar qualquer pessoa não autorizada que se aproximasse (Nm 1,49-3,10). Assim os duzentos e cinquenta ao oferecerem incenso pereceram pelo fogo da mesma forma como Nadab e Abiú (Lv 10,1-2). Eles ofereceram um fogo irregular sem fazer parte do grupo dos escolhidos, que tinham acesso ao santuário. Simplesmente invadiram um espaço sagrado a qual eles não tinham direito adquirido de ocupar.

⁷⁵⁷ Cf. LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 417.

⁷⁵⁸ O substantivo מִזְבֵּחַ traduzido como “o incêndio”, neste contexto, pode indicar o que é queimado e o que está ainda queimando. A existência de fogo é clara na seqüência “e espalha o fogo além”. Isso corrobora o significado do termo também como “aquilo que está queimando”. Se o significado a destacar são os restos mortais dos corpos dos revoltosos, esperaríamos o participio passivo מִזְבְּחֵי (cf. v. 4). A tradução seria, pois, “aqueles que têm sido queimados”. Assim, a Setenta parece entender o termo, pois traduz com um participio plural. O texto traduzido como substantivo singular “incêndio” ou “fogueira” dá a entender ao leitor que a queima atingiu todos os revoltosos (cf. GRAY, B. G. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 208-209; ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 324).

⁷⁵⁹ Cf. DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 498-499; GALLAZZI, A. A *Teocracia Sadocita*, p. 172-173.

desconsagração para evitar o contágio do sagrado (colocado á parte) com o profano, e também para proteger a congregação contra forças perigosas⁷⁶⁰.

Porém o Sagrado é colocado à parte, para estar próximo de Deus. Os incensórios dos revoltosos, que antes não eram utilizados para uso sagrado (porque eram instrumentos particulares), passam a ser santos, porque foram apresentados a Deus. Por isso, devem ser usados na esfera cultural, aproveitados para chapear o altar de YHWH.

9.4.2. O destino dos incensórios (17, 3)

O autor coloca ordenamentos jurídicos sobre os incensórios. Trata-se dos “incensórios desses pecadores em troca de suas vidas” (17, 3a). São os incensórios dos duzentos e cinqüenta que foram queimados com o fogo de YHWH (16,35) a custo de suas vidas. Foram as transgressões que causaram a morte deles⁷⁶¹.

Os restos desses utensílios que permaneceram devem ser aproveitados em função do culto. Os vocábulos: sacerdote (17, 2a.4a), altar (17, 3b.4c), incensório (17, 2b.3a.4a) aparecem sempre determinados. Ao mencionar esses elementos do culto, parece clara a preocupação do autor com as instituições do sacerdócio e do culto já evoluídos⁷⁶². Nas instituições culturais, a consagração do altar e dos objetos sagrados é paralela à consagração dos sacerdotes que se tornam habilitados a exercer o ministério sagrado (cf. Ex 29,37; 30,28-30; Lv 8,1-13). Nessa unidade (17,1-5) e na unidade seguinte (17,6-15), tanto o altar como a queima do incenso estão relacionados com o ministério sacerdotal (cf. 17,5.11).

⁷⁶⁰ Sobre os sistemas de contaminação e seus tabus, cf. DOUGLAS, M. *Nel Deserto*, p. 204-210.

⁷⁶¹ Cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 325.

⁷⁶² A função do altar revestido de bronze e a presença de Eleazar oficiando em lugar de Aarão indicam uma fase tardia de conflitos entre levitas e aronitas pelo poder e privilégios de officiar junto ao altar e o templo (cf. COATS, W. G. *Rebellion in the Wilderness*, p. 183). A presença de Eleazar oficiando antes da morte de Aarão é tomada para justificar a falta de conexão clara entre Nm 17,1-5 com Nm 16,8-11.16-17 e 17,6-15. Além do mais, a presença de Eleazar oficiando como sacerdote é anacrônica, uma vez que ele assumirá plenas funções sacerdotais somente após a morte de Aarão (cf. Nm 20,26-28). Nossa análise mostra que Nm 17,1-5, como um texto sacerdotal encaixa-se bem no enredo de Nm 16-17, levando a congregação a tirar uma lição da história: que ninguém tenha a pretensão ao sacerdócio a não ser que seja da semente (descendência) de Aarão. A inclusão de Eleazar, sendo ele filho de Aarão, portanto, não causa transtorno na história, mas, ao contrário, aponta para o sentido do texto final, com vistas a confirmar o sumo sacerdócio aronita e sua descendência com os privilégios plenos de officiar no culto. No livro dos Números são mencionados Aarão, Eleazar (Nm 17,2.4) e Finéias (Nm 25,7) com funções sacerdotais plenas.

Aarão e Eleazar são qualificados de sacerdotes. Na seqüência do livro dos Números, cabe aos sacerdotes aronitas o serviço do altar (Nm 18,1-2b.5.7), enquanto os levitas serão auxiliares no ministério, porém são excluídos do acesso ao altar (Nm 18,2a.3-4.6). Num primeiro momento, os levitas eram consagrados a YHWH (Nm 8,16; 18,6b) antes de serem consagrados a Aarão e a seus filhos (Nm 3,9; 8,19)⁷⁶³. Eleazar recebe a ordem de retirar os incensórios do meio do incêndio e espalhar o fogo. O verbo יָרָם (“e retire”) por causa do sentido de erguer-se, levantar, pode ter o sentido idiomático de remover, retirar⁷⁶⁴. Os restos dos incensórios devem ser retirados à parte para uma finalidade sagrada.

A tarefa de laminar os incensórios e revestir o altar pode ter sido realizada por um grupo junto a Eleazar (os aronitas) como é indicado com o verbo na terceira pessoa do plural יִרְקְעוּם (“e os laminaram”). Em Nm 17,11c, compete a Aarão fazer o rito da expiação, tomando do fogo de cima do altar para queimar o incenso. Não há lugar para os levitas ministrarem junto do altar⁷⁶⁵. Eles sequer são citados em Nm 17,1-15. A classe sacerdotal do grande Sacerdote Aarão e seu filho Eleazar (Nm 17,1-2; 20,25-26) e depois Finéias filho de Eleazar (Nm 25,8-9) passa a exercer o ministério no grau máximo da hierarquia. Pois bem, Eleazar e seu grupo devem fazer com os incensórios lâminas de chapas. A partícula do objeto direto com o sufixo de terceira masculino plural, אִתָּם (“com eles”) destaca a importância destes incensórios na construção do altar: “farão com eles, lâminas de chapas, um revestimento para o altar”. O motivo da destinação dos incensórios é explicado a seguir. A frase causal “porque os aproximaram diante de YHWH” explica o conteúdo da frase principal “tornaram-se santos” (17, 3c). Há um paralelismo entre os dois verbos “aproximaram” e “tornaram-se separados”. O que “é aproximado” de YHWH assume uma condição especial de “ser colocado à parte”, unicamente para o serviço de YHWH. Assim, os incensórios separados da fogueira são destinados para o serviço sagrado como cobertura do altar. Será o altar forrado de bronze (apenas mencionado a partir de Nm 17) a tomar lugar dos

⁷⁶³ Cf. ABADIE, P. *O Livro das Crônicas*, p. 9.

⁷⁶⁴ Assim o termo é interpretado por A. B. Levine (cf. *Numbers 1-20*, p. 417).

⁷⁶⁵ Com o exílio, e especialmente com Ezequiel a distinção entre Levitas e Sacerdotes filhos de Sadoc, é bem mais nítida. Os levitas são excluídos do altar, acusados de terem deixado Israel desviar-se (Ez 44,10-14; 48,11). A eles cabia os serviços considerados inferiores (vigilância das portas, imolação de vítimas), enquanto o serviço de YHWH era reservado aos sacerdotes sadocitas (Ez 40,46; 44,15-16), chamados também de filhos de Aarão (cf. ABADIE, P. *O Livro das Crônicas*, p. 9).

duzentos e cinquenta incensórios. Um único incensório, aquele de Aarão com o incenso sobre ele, será o instrumento para o rito da expiação sobre a congregação (Nm 17,11-12). Esse é um claro sinal da supremacia dos aronitas, que estabelecem a exclusividade do sacerdócio sem a concorrência dos levitas⁷⁶⁶.

9.4.3. Motivo do ordenamento: “serão sinal e memorial” (17, 3b.5a)

Os incensórios que sobraram da queima são transformados em lâminas de chapas, um revestimento para o altar (17, 4b). Incensórios são assimilados ao altar como sinal para a congregação.

Na tradição bíblica, o altar, além de lugar do sacrifício, tem também função de monumento lembrando alguma experiência espiritual marcante na caminhada do povo. Na história dos patriarcas, os altares são sinais de que Deus está com eles (cf. Gn 12,8; 13,8; 26,25; 33,20)⁷⁶⁷. Em nosso texto, o altar representa a instituição que dá sustentação à classe sacerdotal detentora do poder em um lugar único, e com um culto exclusivo. O altar agora revestido dos incensórios de bronze é um subsídio visual para impedir que a congregação cometa os mesmos erros de Coré e os duzentos e cinquenta, desencadeando com isso a ira divina contra a congregação⁷⁶⁸. Da mesma forma as borlas nas vestimentas (Nm 15,38-41) e a vara de Aarão (Nm 17,16-26) também servem ao mesmo propósito (cf. Ex 13,9; 31,13.17; Dt 6,8; 11,18; Js 4,7)⁷⁶⁹.

O altar revestido de bronze é também análogo ao papel que teria mais tarde a serpente de bronze, para lembrar o castigo do povo por causa da impaciência no deserto e para assegurar-lhes a saúde (Nm 21,4-9)⁷⁷⁰. É significativo para o leitor que, junto do altar, os restos dos incensórios de bronze

⁷⁶⁶ Os levitas não aparecem em Nm 17,1-15. O autor passa a falar de sacerdotes e altar, claro indício de que o movimento de emancipação dos levitas fora sufocado, prevalecendo o poder de uma autoridade central a tomar conta do culto, os aronitas.

⁷⁶⁷ Cf. HEMELSOET. Altar. In: VAN DEN BORN, A. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, col. 49-50.

⁷⁶⁸ Com o relato etiológico do destino dos incensórios para forrar o altar, a história de Coré e seus seguidores recebeu um lugar vital, muito preciso na vida cultural israelita em vista da defesa da instituição sacerdotal (cf. STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus Numeri*, p. 267).

⁷⁶⁹ Cf. WENHAM, G. J. *Números*, p. 146; BLUM, E. *Studien zur Komposition des Pentateuch*, p. 270.

⁷⁷⁰ DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 197.

tornaram-se um sinal. A formulação do verbo ser é o imperfeito na terceira pessoa masculino plural וְיִהְיֶינָה (“e serão”), seguido da preposição לְ (“para”), equivale a “tornar-se” ou também “servir como”. Eles se tornarão sinal e servirão como advertência para as gerações futuras. “Serão um sinal para os filhos de Israel” (v. 3)⁷⁷¹. O vocábulo אֵימָה (“sinal”) ocorre setenta e nove vezes no AT. Apenas em nosso texto de Nm 17,3 e Gn 9,13; 17,11, tem a qualidade de sinal permanente, com um tempo ilimitado de duração⁷⁷². O significado é acentuado com o termo paralelo, memorial em 17,5a. Portanto, os incensórios como revestimento do altar se tornarão sinal e memorial para os filhos de Israel, no presente e no futuro (cf. Nm 5,15; 10,10). O motivo deste memorial deve-se ao fato de que dentre a congregação dos filhos de Israel é que se levantaram os duzentos e cinquenta líderes que se juntaram a Coré e ousaram oferecer o incenso sem a devida qualificação. Deste fato é extraída uma lição para que ninguém não pertencente à descendência de Aarão volte a oferecer o incenso e se repita o que aconteceu ao grupo de Coré.

Eleazar, o sacerdote, cumpriu a ordem e utilizou os incensórios que aproximaram os rebeldes que se juntaram a Coré para ferrar o altar. Assim, o revestimento do altar com bronze (17, 3-4. Ex 27,2; 38,22)⁷⁷³ tornou-se sinal distintivo de advertência, como uma lição para que nenhum estranho queira

⁷⁷¹ Cf. LONG, B. O. *The Problem of Etiological Narrative in the Old Testament*, p. 73.

⁷⁷² Cf. LONG, B. O. *The Problem of Etiological Narrative in the Old Testament*, p. 68-69.

⁷⁷³ Conforme Ex 27,2, o altar fora revestido de bronze no tempo em que foi construído. Por isso levanta-se o problema que Nm 17,4 não teria motivo de narrar um novo revestimento do altar com os incensórios de bronze. Para suprir essa dificuldade, a Setenta procurou harmonizar anacronicamente as duas versões da origem da cobertura de bronze (Ex 27,2 e 38,2 com Nm 17,1-5) inserindo-as no relato da construção da habitação em Ex 38,22. O texto da Setenta relata que Bezalel fez o altar de bronze com os incensórios dos homens de Coré: “Ele (Besalel) fez o altar de bronze, dos incensórios de bronze que pertenceram aos homens que se revoltaram com a congregação de Coré” (Ex 38,22). Essa tentativa de harmonização anacrônica troca o problema da cobertura do altar, realizada duas vezes, por outro: como Coré iria armar uma revolta em Nm 16,1-35, se conforme Ex 38,22 (texto da Setenta), a revolta de Coré já havia acontecido? Teríamos o novo problema da menção de duas revoltas de Coré separadas! Se o revisor sacerdotal inseriu a narração do revestimento do altar, tinha em mente não apenas explicar a cobertura de bronze do altar em Ex 27,2 (explicação de Nm 17,1-5 como um midrash sugerida por B. Gray), mas acima de tudo um objetivo didático em função do conflito de autoridade em todo enredo de Nm 16-17. Com efeito, o texto explica que o revestimento do altar com os incensórios deve, pois, servir de sinal e memorial para toda a congregação não mais armar revoltas. Nesse caso, o próprio oferecimento do incenso, que era tarefa exclusiva dos aronitas (Nm 17, 3.5), era considerado uma revolta grave. A referência a um altar revestido com os incensórios de bronze justifica-se em vista das perspectivas teológicas de defesa da instituição do sacerdócio a serviço do altar (cf. GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 208; SEEBASS, H. *Numeri* 10,11-22,1, p. 201).

usurpar as funções próprias de Aarão. Somente ele poderá ministrar com plenos direitos de oferecer incenso, utilizando o fogo tirado do altar (17,11).

A ótica do texto é a de oferecer sustentação aos aronitas assegurando sua exclusividade no ministério sacerdotal por meio da explicação etiológica do revestimento do altar de bronze⁷⁷⁴.

Os incensórios são designados como “sinal” com um significado de advertência para os filhos de Israel⁷⁷⁵. O sinal ou memorial lembra a todos que ousarem se levantar contra a instituição do sacerdócio, que poderão ter o mesmo castigo exemplar aplicado a Coré e seu grupo. O sinal, então, tem o objetivo de impedir futuras revoltas contra a ordem hierárquica, e dar legitimidade teológica ao ministério do grupo aronita. A transgressão das normas, com as revoltas e murmurações, expõe a congregação à ira divina e a graves danos. Somente o rito de expiação realizado por Aarão poderá aplacar a cólera de YHWH e retirar o castigo sobre o povo. Desta forma, resta à congregação somente a submissão à ordem estabelecida, para garantir a paz entre todos.

9.4.4. Objetivo do sinal

9.4.4.1. “Para que nenhum estranho se aproxime” (v. 5b-d)

A confecção do altar com os incensórios de bronze como sinal (17,3d) e memorial para os filhos de Israel (17, 5a) tem objetivos precisos, expressos com uma frase final: “a fim de que não se aproxime nenhum estranho”(17, 5b). Especialmente na tradição sacerdotal pós-exílica, אָרָם (“estranho”, “estrangeiro”) designava o que se opõe ao sagrado ou a uma determinada prescrição cültica. Em

⁷⁷⁴ Conforme G. B. GRAY (*A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 208), Nm 17,1-5 seria a última inserção da tradição sacerdotal, uma espécie de midrash para explicar a cobertura de bronze ou revestimento do altar em Ex 27,2. Nossa análise também resgata o sentido da cobertura do altar e sua importância em função da solução dos conflitos contra Moisés e Aarão.

⁷⁷⁵ O. B. LONG (*The Problem of Etiological Narrative in the Old Testament*, p. 69) observa que, em alguns textos onde ocorre o termo sinal (Gn 9,13; 17,11; Ex 31,13.17; Nm 17,3), há um esquema comum que caracteriza uma etiologia significativa com os elementos seguintes: a) Identificação de um objeto ou rito; b) Designação como Sinal; c) Significado do Sinal (o que simboliza ou faz memória).

Nm 17,5b, “homem estranho” designa alguém que não pertence ao sacerdócio aronita (cf. Ex 29,33; Lv 22,10-13; Nm 3,10.38; 18,4.7)⁷⁷⁶, possivelmente levitas não aronitas⁷⁷⁷ que reclamavam os direitos de participar do sacerdócio e do altar (cf. Nm 16,7b-11).

A negação do direito de oferecer o incenso é realçada com o pronome “ele”. Justamente àquele que não pertence à semente de Aarão é vetado aproximar-se para queimar incenso diante de YHWH. Porque não pode aproximar-se, não é santo e sim profano em sentido cúllico. Nesse sentido no contexto cultural do oferecimento de incenso, אֲנִי significa o que é ilegítimo e proibido⁷⁷⁸. O estranho constitui sempre uma ameaça, algo que põe a existência em perigo⁷⁷⁹. As frases em forma negativa caracterizam a proibição de um estranho de aproximar-se e queimar o incenso, e alertam sobre o perigo, caso alguém venha a transgredir essas ordenações⁷⁸⁰. Portanto, queimar incenso diante de YHWH é uma atividade sacerdotal reservada ao grupo da descendência de Aarão. A expressão “semente de Aarão” é uma forma tirada do contexto real e utilizada para a classificação do sacerdócio hereditário (cf. 1Rs 11,14; 2Rs 25,25; Jr 41,1; Ez 17,13)⁷⁸¹. O objetivo é bem claro: “Para que não se aproxime nenhum estranho que não seja ele da semente de Aarão, para queimar incenso diante de YHWH”(17,5b-d). O infinitivo construto com a preposição, לְהַקְטִיר קִטְוֹת (“para queimar incenso” v. 5d) sempre aparece em relação com a queima de um incenso diante de Deus e sua face (Nm 17,5; cf. Nm 16,17-18; 1Cr 23,13; 2Cr 2,3.5), ou

⁷⁷⁶ Cf. LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 420; SEEBASS, H. *Numeri 10,11-22,1*, p. 201-202.

⁷⁷⁷ O texto não fala diretamente de levitas. Porém, considerando Nm 17,1-5 como suplemento da tradição sacerdotal, o texto pode ser ligado a Nm 16,7b-11, que espelha protestos de um grupo de levitas contra Aarão. Assim, o estranho pode ser interpretado também como levita não aronita. O. ARTUS (*Etudes sur le livre des Nombres*, p. 192) interpreta o termo “homem estranho”, em Nm 17,5 com referência aos levitas, antes que a outras categorias de pessoas. Em nossa interpretação, o termo não exclui que se refira também a pessoas leigas. Afinal não é afirmado que os duzentos e cinquenta líderes que ofereceram incenso em 16,17-18 e que foram queimados (16,35) fossem levitas!

⁷⁷⁸ MARTIN ACHARD, R. אֲנִי (“estranho”). In: JENNI, E; WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento I*, col. 729-730.

⁷⁷⁹ Especialmente nos livros de Esdras e Neemias, os pagãos são considerados impuros e estranhos ao culto. Nos livros do Trito-Isaías, Rute, Jonas, escritos no contexto da diáspora, apareceu uma posição nova de maior abertura e tolerância em relação aos estrangeiros.

⁷⁸⁰ Quem se aproximasse do sagrado sem a devida qualificação, ou não sendo levita, certamente morria (cf. Nm 1,51; 18,7). O povo podia ter contato com o sagrado somente por meio da mediação sacerdotal. (Nm 18,7).

⁷⁸¹ Cf. LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 420.

sobre o altar do incenso (1Sm 2,28; 1Rs 12,33; 2Cr 26,16-18)⁷⁸², por intermédio de um ministro.

O autor deixa entrever quem pode aproximar-se para oferecer o incenso: quem YHWH eleger (cf. Nm 16,5). Alguém que deve ser da descendência de Aarão. Nem leigo (dentre os “filhos de Israel”), ou levita (“filhos de Levi” do grupo de Coré, v. 10a) pode ascender ao sacerdócio. O teste do incenso foi considerado prova da superioridade dos aronitas sobre os leigos e sobre os levitas⁷⁸³. Formava-se uma pirâmide social começando com o sumo sacerdote seguido dos sadocitas, levitas, congregação santa, o povo da terra, o estrangeiro⁷⁸⁴. A disputa mais acirrada aconteceu entre os leigos e levitas. Ambos murmuravam contra Moisés e Aarão, os leigos reclamando o direito à santidade de todo povo (Nm 16,3), os levitas seguidores de Coré buscando o sacerdócio (Nm 16,10b).

Diante das murmurações, o texto destaca que somente os membros da descendência de Aarão, representados por Eleazar, podiam aproximar-se. A advertência de Nm 17,5, em forma de proibição, torna explícita a perspectiva da unidade: assegurar ao sacerdócio aronita a exclusividade do serviço do altar em detrimento dos levitas (“filhos de Levi”) seguidores de Coré (Nm 16,10a)⁷⁸⁵. O teste do incenso (Nm 16,6-7. 17-18) provou a superioridade dos aronitas sobre os outros pretendentes, pois Aarão não sofreu castigo. Nm 17,5 prova a superioridade do grupo aronita apoiado por Moisés acima dos leigos, filhos de Israel⁷⁸⁶. Os aronitas tornaram-se os únicos detentores exclusivos do direito ao sacerdócio e do serviço do oferecimento do incenso. No contexto do pós-exílio tardio, os então chamados aronitas seriam os sadocitas, os únicos detentores do poder mediante o sumo-sacerdócio que era hereditário.

⁷⁸² Em Nm 17,1-5, não é explícito o oferecimento do incenso sobre o altar, mas diante de Deus (v. 5). O altar, em Nm 17,3-4, parece ser o altar revestido de bronze (Ex 27,2; 38,1-2), destinado aos holocaustos. Entretanto, o altar dos perfumes, que era revestido de ouro (Ex 30,1-5; 37,25-26), não é mencionado em Nm 17,1-15.

⁷⁸³ Cf. DAVIES, E. W. *Numbers*, p. 178. Os aronitas da descendência de Aarão em Ez 43,19, no período pós-exílico, correspondem aos Sadocitas descendentes de Sadoc.

⁷⁸⁴ GALLAZZI, A. *A Teocracia Sadocita*, p. 190.

⁷⁸⁵ Cf. ARTUS, O. *Etudes sur le Livre des Nombres*, p. 192

⁷⁸⁶ Cf. DAVIES, E. W. *Numbers*, p. 178.

9.4.4.2. “Que não aconteça como Coré e sua congregação”

(v. 5e)

Outro objetivo do rito é evitar a repetição do que aconteceu a Coré e a sua congregação. A forma negativa לֹא־יִהְיֶה (“não será”), em 17, 5e introduz a conclusão de toda a seqüência de frases em 17,5, na forma de uma apódose. A frase “Que não aconteça como Coré e sua congregação”(v. 5e) expressa a finalidade dos incensórios utilizados para forrar o altar de YHWH. Pode-se interpretar לֹא־יִהְיֶה como “não será” ou “não acontecerá”. O significado da negação é que ninguém mais experimente a mesma sorte de Coré e sua congregação⁷⁸⁷, lembrando o castigo contra os revoltosos. O objetivo do altar forrado com os incensórios seria evitar novas catástrofes terríveis no meio do povo. Outra forma de entender a formulação seria: “Que não aconteça futuras murmurações e revoltas contra Moisés e Aarão e outras tentativas de grupos aproximar-se para oferecer o incenso, como fizeram os duzentos e cinquenta seguidores de Coré”⁷⁸⁸. A unidade seguinte de Nm 17,6-15, ao destacar a eficácia do oferecimento do incenso realizado por Aarão ao fazer cessar a praga, deixa claro que o serviço sacerdotal é privilégio único do grupo aronita. O texto sobre a vara de Aarão que floresce diante do Testemunho (Nm 17,16-26) confirma para a vara florida que simboliza Aarão, um lugar ritual como sinal aos rebeldes. YHWH de fato diz a Moisés: “Assim ela (a vara) reduzirá a nada as suas murmurações, para que não subam até mim e venham a morrer”(17,25). Esse texto confirma o objetivo duplo do memorial do altar forrado com os incensórios de bronze: evitar futuras revoltas e evitar que ocorram outras mortes como aconteceu com os revoltosos. Assim no contexto de todo enredo, o fato de não ser explícita a morte de Coré parece não causar problemas para a interpretação, pois nos dois termos de comparação “como Coré” e “como sua congregação” é claro o objetivo de lembrar a morte de um grupo por causa da revolta. O importante para o autor foi reforçar os objetivos dos incensórios que sobraram da queima em 16,35: a) ser sinal e memorial como advertência aos filhos de Israel (17,3e); b) evitar que

⁷⁸⁷ Cf. KEIL, C. F; DELITZSCH, F. *The fourth Book of Moses*, p. 111.

⁷⁸⁸ Esta segunda explicação parece mais adequada, dado que não é claro em Nm 16-17 que a morte de Coré de fato aconteceu.

nenhum estranho que não seja da descendência de Aarão se aproxime para oferecer incenso (17,5b); c) e não permitir que aconteça como aconteceu a Coré e sua congregação. Interpretamos este último objetivo em dois sentidos: a) que a congregação não venha a murmurar e revoltar-se contra Moisés e contra Aarão; b) que não venha a morrer como os revoltosos.

O texto nada relata do castigo de Coré. Não é tão claro se ele pereceu com o grupo de Datã e Abiram engolido pela terra, ou se foi queimado pelo fogo com os duzentos e cinquenta que ofereceram o incenso. O contexto faz supor que todos foram castigados, seja por oferecer incenso irregularmente, ou por causa das murmurações e revoltas. Todo aquele que não era da descendência de Aarão que ousasse aproximar-se da tenda do encontro para o oferecimento do incenso era punido de morte (Nm 1,51; 3,10.38; 18,7). Coré pode ter-se unido ao grupo dos duzentos e cinquenta líderes, com seu incensório (Nm 16,17-18). Mas o texto relata que somente os duzentos e cinquenta leigos foram queimados com o fogo⁷⁸⁹. Coré, no entanto, se diferencia deles porque era levita. Coré se diferencia também do grupo de Moisés e Aarão por ser de outra família levítica (filho de Isaar) que disputava o sacerdócio (Nm 16,10b). Ele porém, se iguala a todos na atitude de revolta, pois a Coré estavam associados também Datã e Abiram (Nm 16,1-3). Com o texto de Nm 26,8-10, no entanto, temos o relato de que a congregação de Coré pereceu com ele por causa da revolta. Pelo mesmo motivo pereceram juntos Datã e Abiram. Em nossa interpretação, Coré é classificado entre os estranhos: a) porque não pertence ao grupo aronita, embora também fosse líder de um grupo de levitas (Nm 16,10-11); b) porque sublevou um grupo (Datã e Abiram e os duzentos e cinquenta líderes) a afrontar a autoridade de Moisés e Aarão (Nm 16,1-2). Os descendentes de Coré, porém, foram privados do castigo e tornaram-se conhecidos como compositores de Salmos⁷⁹⁰.

Portanto, o interesse do autor é didático com o objetivo de tirar uma lição da história da revolta e castigo: “eles foram um sinal” (Nm 26,11; cf. Nm 17,3.5), como advertência para a vida futura. A destruição dos revoltosos permanecerá na memória da congregação, como exortação para os filhos de Israel não imitem os pecados deles e assim, não perecerem no castigo.

⁷⁸⁹ Se Coré constasse entre aqueles queimados pelo fogo, em Nm 16,35, então o autor deveria mencionar entre os castigados ao menos duzentos e cinquenta e um.

⁷⁹⁰ São atribuídos aos filhos de Coré os Salmos: 42-49; 84; 85; 87; 88.

9.4.4.3. “Conforme YHWH falara por mão de Moisés” (v. 5f)

A parte final (17, 5f) é uma confirmação de que a palavra de Deus se realizou por mediação de Moisés e, neste caso, pelo castigo ocorrido contra os revoltosos. Por isso o verbo **דִּבֶּר** deve ser traduzido com um mais que perfeito “falara”, indicando o discurso de Moisés (16,28-30) num passado remoto que precedeu o castigo dos revoltosos (16,31-35), ação que confirmou as palavras de Moisés como verdadeiro enviado de YHWH.

O verbo **דִּבֶּר**, no piel, e a expressão **בְּיַד**, seguida do nome Moisés, tem o significado metafórico de “falar por meio de”. O sujeito é Deus que fala: “YHWH falou por mão de”⁷⁹¹. Na literatura deuteronomista e no período pós-exílico, a expressão se aplica aos profetas que YHWH envia a seu povo como seus mensageiros (1Rs, 16,12; 17,16; 2Rs 9,36; 10,10; 14,25; Jr 37,2; Ag 1,1.3; 2,1.10). O termo é referido a Moisés em Ex. 9,35; Nm 17,5; 27,23⁷⁹², pois o discurso de Moisés a Coré, Datã e Abiram (Nm 16,28-30), realizou-se com o castigo e o extermínio deles (Nm 16, 31-35). Moisés aqui é então o profeta autorizado, pois YHWH fala por meio dele. O castigo dos revoltosos como “sinal”, ou “memorial”, tornou-se palavra visível confirmada com a ação de Deus⁷⁹³. O que YHWH disse pela mão de Moisés a Coré, Datã e Abiram torna-se dito para as gerações futuras mediante um castigo, para que a congregação não venha a pecar. O sinal torna-se palavra visível de YHWH a seu povo.

Conforme o comentário dos Números de Raschi⁷⁹⁴, a expressão “pela mão de Moisés”, também tem sentido de sinal de intimação para aqueles que se rebelam contra a instituição do sacerdócio. Eles serão feridos com lepra, justamente como Moisés, que também fora ferido de lepra em sua mão em Ex 4,6: “Estendeu a sua mão em seu peito e a retirou, e eis que sua mão estava leprosa (branca) como a neve”. Assim, o autor cita o episódio do rei Ozias (2Cr 26) como

⁷⁹¹ Nem sempre é fácil distinguir entre o significado próprio, ou trasladado ou metafórico nos casos em que **יָד** (“mão”) aparece junto a um verbo ou a uma preposição.

⁷⁹² VAN DER WOUDE, A. S. **יָד** (“mão”). In: JENNI, E; WESTERMANN, C. *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento I*, col. 922-930.

⁷⁹³ A ação de Deus não parece tão explícita no castigo de Coré, Datã e Abiram. O castigo dos duzentos e cinquenta líderes, porém, vem explicitamente de YHWH: “Um fogo saiu de junto de YHWH” (Nm 16,35a).

⁷⁹⁴ SILBERMANN, A. M; ROSENBAUM, M. (Ed.). *Chumash with Targum Onkelos, Haphtaroth and Rashi's Commentary*, Bamidbar, p. 82.

paralelo a Nm 17,5, para mostrar que os rebeldes que ousam exercer as funções sacerdotais são castigados. Assim, o rei Ozias fora atacado de lepra, porque indignou-se contra os sacerdotes, estando ele próprio com o incensório em sua mão, pronto para a queima do incenso (cf. 2Cr.26,19). O castigo sobre o rei foi uma lição. Não será ele a aproximar-se e queimar incenso diante de YHWH no Santuário. Essa tarefa sagrada é reservada aos sacerdotes filhos de Aarão (2Cr 26,18). Nem mesmo o rei pode tocar com suas mãos o incensório e fazer a oferta. YHWH libertara o povo do Egito com mão forte e braço estendido, sendo Moisés sinal da mão de Deus a ferir os Egípcios com prodígios e revelar a sua glória. Deus falava ao Faraó por meio de palavras e sinais, para deixar o povo sair, libertando-o da escravidão. Em nosso texto, a palavra é sinal de advertência para os filhos de Israel não ousarem revoltar-se contra o poder sacerdotal, representado pela descendência de Aarão.

O autor lembra que YHWH tinha falado “a ele”. A preposição com sufixo de terceira masculino singular אֵלָיו (“a ele”) refere que YHWH tinha falado a Coré (cf. o discurso em Nm 16,28-30) e também a todo povo que o seguiu, a respeito do castigo iminente. Esse castigo tornou-se uma confirmação divina da palavra de Moisés e sua missão.

Pela mão de Moisés, age o poder de Deus que não falha contra os revoltosos que se rebelam contra o poder sacerdotal. A palavra de Deus proclamada é eficaz, por meio de seus enviados e por meio dos fatos da história. Cabe aos homens “discernir quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus”⁷⁹⁵.

A unidade seguinte, apesar da forte represália com o castigo dos revoltosos, mostra que o povo voltou a revoltar-se contra Moisés e contra Aarão. Se a história da revolta de Coré e seus seguidores não encontrou um final feliz, por não calar as murmurações do povo, pelo menos termina bem do ponto de vista pedagógico⁷⁹⁶ como lição para as gerações futuras não ousarem revoltar-se contra seus líderes.

⁷⁹⁵ COMPÊNDIO DO VATICANO II, Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”, n. 11.

⁷⁹⁶ Cf. STAUBLI, T. *Die Bücher Levitikus Numeri*, p. 267.

